

Turismo Sexual: um olhar sobre a trajetória das “meninas da noite” na Orla de Atalaia (Aracaju – SE)

Priscila PEREIRA (1); José Wellington Carvalho VILAR (2)

(1) Instituto Federal de Sergipe, Av. Engenheiro Gentil Tavares da Mota, 1166 – Bairro Getúlio Vargas – CEP 49055-260, e-mail: p.p.s2902@gmail.com

(2) Professor Dr. - Instituto Federal de Sergipe, Av. Engenheiro Gentil Tavares da Mota, 1166 – Bairro Getúlio Vargas – CEP 49055-260, e-mail: wvilar@yahoo.com.br

RESUMO

O Brasil possui uma grande demanda de turistas motivados pela imagem da mulata brasileira e da possibilidade de sexo fácil, entretanto, o imaginário desse tipo de turista – na maioria das vezes – está direcionado para “produtos” que não deveriam ser ofertados: o corpo de crianças e adolescentes. Observando que é a partir da exploração infanto-juvenil que o turismo sexual está sendo comercializado, o presente trabalho tem como objetivo estudar a exploração de adolescentes do sexo feminino por turistas na Orla de Atalaia (Aracaju-SE). A metodologia proposta consiste em pesquisa de campo, documental e bibliográfica, utilizando métodos descritivos e técnicas como questionários, entrevistas e observações. O trabalho está dividido em seis etapas: levantamento de material bibliográfico, observação das adolescentes no ambiente de “trabalho”, entrevista com as jovens, aplicação de questionários com os turistas na Orla, entrevista com os representantes de órgãos públicos e do *trade* turístico e análise dos dados e redação do texto. Pela complexidade e o caráter inédito da pesquisa na comunidade científica do Instituto Federal de Sergipe, quicá no Estado, espera-se que esse estudo possa contribuir como alerta social, incentivando o combate a exploração infanto-juvenil, além de contribuir para a revisão do conceito de turismo sexual em países com tantas desigualdades sociais e territoriais e colaborar com informações que possibilitem uma intervenção mais adequada dos órgãos públicos.

Palavras-chave: Exploração Sexual infanto-juvenil; Turismo Sexual; Orla de Atalaia (Aracaju-SE)

INTRODUÇÃO

A temática do turismo sexual é aqui analisada como mais um segmento da atividade turística, pois motiva o deslocamento territorial e o usufruto dos equipamentos turísticos, e em contrapartida causa significativo déficit social, já que esse segmento é baseado, principalmente, na exploração sexual infanto-juvenil.

O Brasil possui uma grande demanda de turistas motivados pela imagem da mulata brasileira e da possibilidade de sexo fácil, propiciando assim a prática de turismo sexual. Entretanto, o imaginário desse tipo de turista – na maioria das vezes – está direcionado para “produtos” que não deveriam ser ofertados: o corpo de crianças e adolescentes.

A prostituição é vista, em geral, como a “profissão” mais antiga do mundo. Todavia, a relação das prostitutas com seus “clientes” está baseada em um vínculo de adulto para adulto, enquanto a relação de um adulto com uma criança/adolescente tem que ser interpretada como explorador - vitimizado/explorado, já que é sustentada pelo abuso da inexperiência dessas jovens em um processo de dominação e violência.

Segundo Libório e Sousa (2004), a exploração sexual e comercial de crianças e adolescentes ocorre em esfera mundial e pode ser considerada uma forma de escravidão contemporânea causando danos biopsicossociais aos explorados. O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA - Lei Federal 8.089/96) estabelece no seu Artigo 5º: nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei, qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

A imagem do Brasil no exterior ainda é associada ao país do futebol, do carnaval e das mulatas. Por sua vez, a região Nordeste oferece atrativos turísticos baseado principalmente no modelo sol e praia e em festas regionais. A esse quadro de atrativos e de produtos turísticos deve ser acrescentada a oferta de jovens que aceitam o caminho da rentabilidade oferecida pela prostituição, atraindo assim cada vez mais turistas interessados em turismo sexual.

Esse segmento do turismo tem como pilar principal a prostituição infanto-juvenil, pois crianças e adolescentes são os “produtos” preferidos dos turistas motivados pelo sexo - principalmente estrangeiros. Essa visão a respeito do turismo sexual e informações sobre o perfil do turista estrangeiro é de conhecimento do poder público. “A EMBRATUR reconhece que a imagem do Brasil se atém ao clichê samba, futebol, mulher e violência. Sabe-se que recebemos turistas interessados na exploração sexual infanto-juvenil” (BIGNAMI, 2002, p.22).

Verifica-se a atuação de atravessadores das redes hoteleiras, das agências de turismo, dos bares, restaurantes, casas de entretenimento no mercado do sexo e na exploração dessas jovens. Segundo relatório sobre prostituição juvenil produzido pela ONU, em 2001, o Brasil ocupa o primeiro lugar em prostituição infanto-juvenil na América Latina e segundo no *ranking* mundial.

Com o crescimento do turismo em Sergipe, a Orla da praia de Atalaia em Aracaju transformou-se no cenário territorial de prostituição infanto-juvenil. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo o desenvolvimento de um estudo sobre os turistas que, motivados pelo sexo, exploram as adolescentes da Orla de Atalaia. Pretende-se também alertar a sociedade quanto aos problemas desse tipo de “trabalho” e contribuir cientificamente para a revisão do conceito de turismo sexual em países que tem como marca as profundas desigualdades sociais.

A partir dessa realidade, houve um despertar para o forte impacto psicossocial que essa atividade pode provocar em crianças e adolescentes explorados sexualmente e para relação do turismo baseado em um grave processo de desigualdades socioeconômicas. Aracaju (SE) foi escolhida como espaço de estudo, tendo como delimitação principal a nova Orla de Atalaia, tendo em vista que o aumento do fluxo turístico, de infraestrutura turística (hotéis, pousadas, agências de turismo, restaurantes, bares e casas de entretenimento) e de novos atrativos está sendo acompanhado do crescimento do turismo sexual.

Pela complexidade e o caráter inédito da pesquisa na comunidade científica do Instituto Federal de Sergipe, espera-se que esse estudo possa contribuir como alerta social evidenciando que crianças e adolescentes “comercializadas” nesse mercado são seres humanos com seus direitos subtraídos, em um trabalho de exploração, fato que fere a dignidade dos mesmos.

Um trabalho dessa natureza pretende também revisar o conceito de turismo sexual contribuindo academicamente para a reconstrução da visão na qual o sexo é a motivação principal ou secundária para um deslocamento turístico. Espera-se ainda que esse estudo venha colaborar com informações que possibilitem uma intervenção mais adequada dos órgãos públicos, dos estudiosos e da sociedade em geral.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT) (1995), o turismo sexual pode ser definido como viagens organizadas dentro do setor turístico ou fora dele utilizando as suas estruturas e redes, com a intenção primária de estabelecer contatos sexuais com os residentes do destino. O turismo sexual utiliza o corpo de crianças e adolescentes como atração turística, e na América Latina, o Brasil ganha destaque por essa modalidade de turismo baseada na exploração infanto-juvenil.

Essa atividade turística tornou-se um fenômeno criminológico no cenário brasileiro, uma vez que a nossa sociedade e os demais envolvidos no setor turístico tratam as questões relacionadas ao sexo com pouca relevância, levando turismo sexual a uma situação de clandestinidade alimentada por práticas criminosas, tais como: tráfico de entorpecentes, estelionato, pedofilia, falsificação de documentos, exploração sexual de menores, entre outros.

No Brasil, o turismo sexual está associado à exploração da pobreza e envolve principalmente crianças e adolescentes. Desigualdade social, redes de exploradores e violência são requisitos que propiciam a exploração sexual de crianças e adolescentes. Exploradores sexuais infanto-juvenis se apresentam em todas as unidades federativas do país. A faixa etária mais visível é entre as adolescentes de 12 a 16 anos.

Segundo Bontempo (1995), o uso sexual de crianças e adolescentes é praticado por homens de todas as classes sociais. Esse fato encontra respaldo cultural, baseado na discriminação e dominação do gênero, na impunidade e nas condições socioeconômicas que vulnerabilizam esse grupo populacional, tornando-o ainda mais passível de dominação e uso.

Para Vinicius et alii (2006), o turismo sexual é incentivado principalmente devido à formação cultural do povo brasileiro com destaque para duas questões. Em primeiro lugar, a relação de gênero no país é permeada por uma concentração de poder da figura masculina e, por conseguinte, o sexo se transforma em moeda de troca e instrumento de manipulação e controle do homem sobre a mulher. Como segundo ponto, vale ressaltar que o turismo sexual reflete o modelo de colonização brasileiro, onde a noção de superioridade do colonizador (Homem) se reflete nos turistas que se apropriam assim de crianças e adolescentes para a exploração sexual.

A exploração sexual refere-se às relações de caráter comercial nas quais as crianças e adolescentes são utilizados como mão-de-obra nas diversas atividades sexuais (prostituição em bordéis, turismo sexual, shows eróticos, participação em fotos, vídeos, filmes pornográficos, produção e comércio de objetos sexuais, entre outros). Nesse trabalho, as vítimas são exploradas, pois produzem lucro para os aliciadores, proprietários dos estabelecimentos ou da indústria sexual (FALEIROS; CAMPOS, 2000)

O mercado do turismo sexual infanto-juvenil movimenta uma quantidade expressiva de capital, envolvendo uma rede delituosa que se estende desde motoristas de táxis, a donos de bares, restaurantes, agências de viagens, casa de show, gerentes de hotéis e a convivência e participação dos poderes instaurados para proteger os menores – juizados de menores, policiais, delegados, enfim, pessoas que deveriam cumprir o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Vale destacar o que estabelece o artigo 227 do Estatuto da Criança e do Adolescente: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

De acordo com Libório e Sousa (2004), as crises econômicas e sociais pelas quais passou e está passando a sociedade brasileira tem um peso considerável no encaminhamento de crianças e adolescentes para a exploração sexual, na medida em que provocam o empobrecimento da população, são geradores de exclusão social, e em decorrência da privação de direitos fundamentais configurando o estabelecimento de uma estrutura social injusta.

Para Faleiros, (1999 apud LIBÓRIO e SOUSA, 2004), a prostituição de crianças e adolescentes aparece como perdas e perdições, perda de si e perda de oportunidades, perda não só da vida pessoal como da vida socialmente aceita, não se considerando essa atividade como trabalho, e acrescenta ao definir prostituição associada à exploração sexual infanto-juvenil como “escravidão moderna socialmente aceita”.

METODOLOGIA

Em razão da problemática evidenciada, o estudo tem caráter qualitativo e se constitui em pesquisa de campo, documental e bibliográfica, utilizando métodos descritivos e técnicas apropriadas para a investigação em ciências sociais, como questionários, entrevistas e observações *in loco*.

Vale registrar inicialmente os problemas para levar a cabo a presente pesquisa, principalmente devido ao fato da exploração sexual infanto-juvenil ser ilegal e está relacionado a uma rede de crime, dificultando o acesso direto a essas adolescentes. Sendo assim, a pesquisa está sendo feita com o conhecimento e apoio do Ministério Público Estadual para que as observações e entrevistas não sejam confundidas pelo Serviço de Inteligência da Polícia ou de policiais apaizana como tentativa de aliciamento ao menor. Duas dificuldades foram levantadas no momento da aplicação dos instrumentos metodológicos selecionados: a segurança da pesquisadora e a tentativa de não despertar nos agenciadores atenção específica para a pesquisadora. Nesse sentido, as entrevistas foram feitas em companhia de alguém do gênero masculino.

A primeira etapa do trabalho correspondeu ao levantamento de material bibliográfico através de revistas científicas, monografias, dissertações e teses, livros, publicações específicas, resenhas e fontes eletrônicas *online* sobre a temática analisada.

A segunda etapa constitui-se de observações nos principais trechos onde trabalham as adolescentes na perspectiva de identificar a demanda de clientes-turistas, a negociação da atividade sexual, os horários mais frequentes para o início do trabalho, as roupas trajadas por essas jovens, o grau de interferência do agenciador na negociação, entre outros. Para isso, serão utilizados quatro sábados e quatro domingos alternados quinzenalmente. Para preservar a identidade das jovens e a segurança do pesquisador não será utilizada máquina fotográfica ou filmadoras, somente anotações em formato de relatório e em horários que não ofereçam riscos.

Na terceira etapa serão desenvolvidas entrevistas abordando aspectos sociais, econômicos, culturais, financeiros, familiares e educacionais das adolescentes do gênero feminino, com faixa etária de 12 a 18 anos, que fazem parte do mercado do sexo na Orla de Atalaia (Aracaju – SE). Pretende-se entrevistar cerca de 10 (dez) jovens através de questionários com vinte perguntas divididas em dois tópicos: história de vida e o trabalho desenvolvido com os clientes-turistas na Orla.

Na quarta etapa serão aplicados questionários aos turistas na Orla, na perspectiva de obter informações sobre a qualidade do *trade* turístico em Aracaju/SE, a motivação para a escolha do destino, as intenções da viagem e a visão a respeito do turismo sexual de maneira global e local. Os questionários terão perguntas abertas e objetivas, aplicados em média com 10 (turistas).

Na quinta etapa, os representantes de órgãos públicos municipais e estaduais e o *trade* turístico serão entrevistados sobre o papel do *trade* e do poder público em combater a exploração sexual. Pretende-se entrevistar a Empresa Sergipana de Turismo (EMSETUR), a Secretaria de Desenvolvimento Econômico Tecnologia, e Turismo, a Secretaria de Inclusão Social, a Secretaria de Segurança Pública – Delegacia de Turismo -, três estabelecimentos da rede hoteleira, três agências de turismo e três restaurantes, totalizando 13 (treze) entrevistas, no período estimado de um mês.

Ao total, serão aplicados 33 (trinta e três) questionários com perguntas abertas e fechadas. Igualmente, serão elaborados 8 (oito) relatórios realizados a partir da observação do objeto de estudo. Esse quantitativo é representativo, haja vista a dificuldade para realização desse tipo de trabalho e considerando também a aposta deliberada da pesquisa qualitativa. A temática do turismo sexual convida a opções metodológicas de natureza qualitativa e de vivência com a realidade local.

Na última etapa, os dados serão sistematizados estatisticamente através de gráficos e será feita a redação do trabalho.

RESULTADOS PRELIMINARES

A exploração sexual de crianças e adolescentes se processa na Orla de Atalaia através do Turismo Sexual. Essa exploração pode ocorrer com ou sem violência física, mas a violência psicológica é marcante. A maneira de exploração mais comum verificada se dá através do agenciamento, levando crianças e adolescentes a manter relações sexuais com adultos. Vale registrar que a exploração sexual pode acarretar problemas os mais variados, podendo ir desde a degradação moral à saúde física, até a formação de uma geração precoce de portadores e propagadores de DST em especial o HIV.

No Brasil, nas capitais costeiras como é o caso de Aracaju se verifica a presença do turismo sexual com crianças e adolescentes. Algumas condições socioeconômicas e políticas estimulam esse tipo de turismo: (i) acesso fácil ao país ou as localidades; (ii) tolerância da polícia e autoridades competentes; (iii) chance reduzida de o turista ter sua reputação exposta, ou seja, garantia de anonimato e (iv) preço acessível do “serviço” disponibilizado. Em Aracaju, na década de 90, foi realizada através do governo do Estado com apoio da UNICEF uma pesquisa sobre a exploração sexual infanto-juvenil. Verificou-se, segundo a pesquisadora Marlene Vaiz (1995 *apud* BONTEMPO, 1955), que o modelo de exploração em Aracaju nessa época era caracterizado pelo confinamento das meninas em prostíbulos ocupados por cerca de 308 adolescentes, com faixa etária de 8 a 17 anos. Nas entrevistas realizadas identificou-se que a maioria das meninas era pardas, negras, pobres e analfabetas. Na visão da pesquisadora, um fato específico lhe chamou atenção: Um dos sonhos das adolescentes era fazer um exame ginecológico.

Porém, o cenário mudou após a construção da Orla de Atalaia - atualmente principal ponto turístico da capital sergipana – e as meninas se encontram menos concentradas em prostíbulos; hoje estão distribuídas por toda a extensão da Orla, na proximidade de hotéis e de restaurantes. E é facilmente identificável que são menores de idade e agenciadas.

Nas observações iniciais foi possível identificar que as adolescentes aparentando idade inferior a 18 anos são prostituídas no trecho entre o Hotel Real Praia e a Esquina do Hotel Celi. De maneira geral, às 20:30 horas essas jovens começam a chegar aos chamados “pontos” – local de “trabalho” – a pé ou de motocicleta acompanhadas de um homem, o mesmo homem passa várias vezes ao local durante a noite, a qual pode ser compreendido como agenciador. Mas é possível encontrar também no período da manhã adolescentes sendo prostituídas na orla de Atalaia. As adolescentes trajam vestidos curtos, minissaia e blusas decotadas, localizam-se nas esquinas em grupos de duas a três. A negociação com taxistas é constante, podendo ser entendida que a relação taxista-adolescente acontece, principalmente, para evitar a exposição dos turistas.

A abordagem às jovens geralmente é feita por homens, aparentando idade superior a 30 anos, em veículos. Porém, durante a noite vários homens a pé abordam essas adolescentes e não parecem negociar um “programa”, pois lhes entregam algo; possivelmente são bilhetes com números de telefones, haja vista que logo após a jovem observada falou várias vezes ao celular. O uso de drogas também está associado à prostituição infantil, já que o uso de crack, cocaína e maconha também pode ser observado entre essas meninas.

No período das festas juninas em Sergipe verificou-se uma mobilidade do território da prostituição dessas jovens na própria Orla de Atalaia. Os “pontos” fixos começaram ser descentralizado ainda sem motivo aparente, já que não houve nenhuma denúncia que viesse a público e nos anos anteriores no período de festas juninas as adolescentes eram visualizadas nesses locais. A atual localização situa-se nas ruas paralelas a avenida principal da Orla, trazendo um fato inovador a essa pesquisa: a flexibilidade territorial da atividade o que pode indicar também o aumento do número de adolescente e a inserção de crianças – menores de doze anos.

Tendo a Orla como principal ponto turístico de Aracaju a presença da polícia se faz necessária e é observada inúmeras vezes, assim como a Delegacia de Turismo está situada próxima aos locais nos quais se localizam as jovens. Entretanto, a fiscalização e o combate à exploração sexual infanto-juvenil por essas autoridades ainda não é visualizada, uma vez que durante certo período da noite os policiais ficam localizados em frente às adolescentes observando todo o processo de exploração sem qualquer reação para se fazer cumprir o Estatuto da Criança e do Adolescente.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento econômico, social e cultural pelo qual passa a América Latina está marcado pela colonização e escravidão que gerou uma sociedade escravista com elites oligárquicas dominantes em cujo imaginário foi impressa a ideia que podiam dominar e explorar categorias sociais marginalizadas e/ou inferiorizadas pela raça/etnia, gênero e idade. (Faleiros, 1999, *apud* LIBÓRIO e SOUSA, 2004)

A prostituição no Brasil é um problema social, presente em diferentes momentos da nossa História. Entretanto, essa mazela social é uma opção do mundo dos adultos, não podendo crianças e adolescentes ter dimensão e consciência do significado social, por isso o termo mais apropriado para definir essa forma de prostituição é exploração sexual. No final dos anos 1980, a utilização do termo “prostituição infanto-juvenil” era comum, no entanto nesse período não se tinha clareza da dimensão real da indústria do sexo, como a pornografia infantil e o turismo sexual hoje.

Para Libório e Sousa (2004), a exploração sexual comercial infanto-juvenil é um acontecimento na vida de uma criança/adolescente que anula seus direitos mais elementares como saúde, educação, cultura, convivência familiar, lazer e dificulta o acesso a um estilo de vida que promova um desenvolvimento biopsicossocial saudável.

O trabalho da prostituição infantil é entendido como exploração, é de certa forma uma prostituição do trabalho: é sustentado estruturalmente por uma rede de relações econômicas que se organizam através do crime, da ilegalidade, da precariedade, do desgaste do corpo e do sofrimento de adolescentes e crianças, embora faça o jogo do prazer. (Faleiros, 1999, *apud* LIBÓRIO e SOUSA, 2004)

Em Aracaju, as adolescentes na Orla de Atalaia já estão inseridas no cenário turístico como mais um atrativo. As adolescentes aparentam idade inferior a 18 anos, são afrodescentes e exploradas sexualmente. Mas quais motivos a levam a esse tipo de exploração? Com certeza a necessidade de incluir-se socialmente adquirindo direitos fundamentais como alimentação, ou tentando deixar de ser marginalizada pela sociedade através da possibilidade de consumir com a renda que recebem nos “programas”. Na orla de Aracaju, as “meninas da noite” sabem que o mercado do trabalho formal exige qualificação cada vez maior e acreditam na dificuldade de conseguir maior renda que a gerada pela prostituição. Nesse sentido, muitas adolescentes se deixam explorar, e esse tipo de “saída” se torna um “trabalho” forçado que acentua ainda mais a desigualdade social urbana. E por medo da violência que podem sofrer ao tentar sair dessa situação, essas meninas viram objeto de lucro numa cadeia complexa e lucrativa que envolve muitos atores sociais.

A imagem de adolescentes sendo exploradas sexualmente no principal ponto turístico de Aracaju sensibiliza a sociedade que ao mesmo tempo “aceita” tamanha situação por não ter informação da real dimensão e dos danos sociais e psicológicos que podem ser causados pela indústria do sexo. As campanhas de combate ainda são pouco eficientes se comparado ao aumento cada dia maior da quantidade de adolescentes e crianças que se encontram na prostituição na Orla de Atalaia.

Uma questão central emerge desse debate sobre a exploração sexual de jovens não adultas na Orla de Aracaju: como combater a exploração sexual em um país que explora intensamente a imagem de crianças e adolescentes precocemente erotizadas pela mídia, marketing e publicidade, que insiste em transmitir uma imagem de menina/mulher como um objeto que pode ser vendido, como qualquer outro produto estimulado pelo desejo de consumo?

Desde 1997, a EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo – desenvolve um trabalho de reposicionamento da imagem do Brasil. Foram retiradas do mercado turístico todas as propagandas oficiais que exaltavam o corpo da mulher brasileira, buscando em contrapartida destacar a pluralidade cultural e as belezas naturais do nosso país. Essa campanha incluía um número disque-denúncia gratuito, e se verificou a repressão rigorosa aos voos *charters* de turismo sexual e as quadrilhas envolvidas com essa prática.

O combate ao turismo sexual é um desafio que se constitui na superação de um grande problema social: a pobreza. Fato que estimula a continuidade da exploração sexual infanto-juvenil, sobretudo no Nordeste. Por isso, a alteração da imagem internacional do Brasil de país tolerante com práticas de turismo sexual para a de um país que abomina esse tipo de turismo, é uma tarefa complexa que exige esforços contínuos e permanentes do Poder Público e dos agentes privados associados ao turismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Cíntia Moller. **Ética e qualidade no Turismo do Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

BIGNAMI, Rosana Viana de Sá. **A imagem do Brasil no turismo**: construção, desafios e vantagem competitiva. 2 ed. Série Turismo. São Paulo: Editora Aleph, 2005.

BONTEMPO, Denise (Org.). **Exploração Sexual de Meninas e Adolescentes no Brasil**. Brasília, UNESCO/CECRIA, 1995.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da Noite**: a prostituição de meninas-escravas no Brasil. 13 ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Lei n.8.069 de 13 de Julho de 1990. Divulgada pelo Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente da Cidade de Salvador com Apoio do UNICEF**. São Paulo: Gráfica e Editora Peres, 1995.

FALEIROS, Eva T. Silveira e CAMPOS, Josete de Oliveira. **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes**. Brasília, 2000.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; SOUSA, Sônia M. Gomes (Org). **A Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes no Brasil**: Reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004; Goiânia, GO: Universidade Católica de Goiás, 2004.

MATTOS, Mauro Gomes de; JÚNIOR, Adriano José Rosseto; BLECHER, Shelly. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física**: construindo seu trabalho acadêmicos: monografia, artigo científico e projeto de ação. São Paulo: Phorte, 2004.

OLIVEIRA NETTO, Alvim Antônio de. **Metodologia de Pesquisa Científica**: guia prático para apresentação de trabalhos acadêmicos. 2ª ed. Florianópolis: Visual Books, 2006.

SOUZA, Janaína Lemos de; KITAWARA, Pollyana Santana. **Ninfeta um corpo a venda**: a prostituição na Orla de Atalaia. São Cristovão: UFS, 2004.

VELHO, Gilberto (Org.). **Antropologia Urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VINICIUS, Marcus. **Turismo Sexual**. Disponível em <<http://pt.shvoong.com/books/143774-turismo-sexual>>. Acesso em: 15 de mar.2010.